

A Jangada de Pedra de José Saramago: repertório e sistema interliterário ibérico

CARLOS PAZOS JUSTO
(Universidade do Minho)

Este trabalho pretende, num primeiro momento, analisar o texto de José Saramago, *A Jangada de Pedra*¹, especialmente o repertório em jogo nesta obra, assim como o de outros textos não ficcionais do autor, para depois nos aproximar da relação entre produtor e produto literários e a crítica literária no *sistema interliterário peninsular*, ou *ibérico*, noção que tomamos de Arturo Casas (2003). Segundo este autor, o espaço geo-cultural ibérico poderia ser estudado, a partir dos desenvolvimentos teóricos de Itamar Even-Zohar, como um *sistema interliterário*, isto é, como «un grupo de literaturas nacionales vinculadas históricamente que mantienen entre sí una serie de relaciones jerárquicas y de flujos repertoriales o de interferencias, de modo semejante a los que se dan entre los sistemas periféricos y central de los polisistemas fuertes» (*id.*: 73)².

A tarefa proposta apresenta-se materialmente complexa, pois como apontou Carlos Reis no ano 2000: «Se um dia se fizer a história da literatura portuguesa da segunda metade do século XX, o historiador desse tempo a vir [...] não deixará, por certo, de ser surpreendido

¹ José Saramago (1986a): Lisboa, Caminho. Doravante, nas citações deste texto apenas se indicará a página.

² Por não ser este um trabalho teórico não nos estenderemos mais sobre este assunto, remetendo o leitor interessado para o trabalho já citado de Arturo Casas ou, do mesmo autor, «Catro modelos para a nova Historia literaria comparada. Unha aproximación epistemolóxica» (Casas, 2004). Além desta noção teórica, serão utilizados ao longo do trabalho os contributos metodológicos de Itamar Even-Zohar (1999), nomeadamente as noções de *sistema literário* e *repertório*, assim como, em menor medida, os conceitos *campo literário* e *campo cultural* de Pierre Bourdieu (2004).

pela abundância de estudos, de dimensão e de configuração vária, dedicados a José Saramago» (*apud* Lago, 2000: 5). Com efeito, os trabalhos académicos e não académicos à volta da produção literária, e não só, do Nobel português são já um objecto dificilmente abarcável. No entanto, a profusão considerável de estudos, entrevistas, homenagens, etc., são índice da posição central que ocupa José Saramago no sistema literário português. Provavelmente foi o sociólogo e crítico literário João Pedro George (2002: 231) quem mais claramente mostrou a centralidade de Saramago (cfr. Grossegesse, 2005: 181), argumentando-a em função de:

- A numerosa produção ficcional e não ficcional do autor em foco;
- Os prémios literários outorgados; 19 entre nacionais e estrangeiros em 2002³;
- A «inclusão nos curricula escolares do ensino liceal», nomeadamente o *Memorial do Convento*, leitura obrigatória no 12.º ano;
- Como já foi dito, o facto de ser objecto de abundantes estudos académicos em Portugal, e no estrangeiro;
- Obtenção do Prémio Nobel da Literatura que, segundo João Pedro George, «completou o círculo de consagração literária».

O sociólogo da Universidade Nova de Lisboa refere ainda o número especial da revista *Colóquio/Letras* (1999, 151/152) como mais um elemento consagrador: «Tratando-se de uma revista caracterizada pelo critério da consagração póstuma dos escritores, é significativo que a atribuição do Nobel a um escritor português vivo permita abrir uma excepção»⁴.

Repertório d'A Jangada de Pedra

Indo ao texto em foco. A «ideia forte», assim denominada pelo próprio autor (Saramago, 1986b: 25), é a separação da Península Ibérica da Europa e a posterior navegação pelo Atlântico, já sem Gibraltar e com risco ultrapassado de colisão com os Açores, até se fixar no oceano entre a América Latina e a África. Enquanto isto

³ O mesmo autor e para o período 1960-1998 atribui a José Saramago 11 prémios no âmbito português, apenas igualado por Vergílio Ferreira no mesmo período.

⁴ Mais, neste sentido: «E até já existe um Prémio Literário José Saramago» atribuído pelo Círculo de Leitores (George, 2002: 231).

acontece, cinco personagens, ou seis se incluirmos o cão, realizam uma viagem atravessando vários territórios peninsulares⁵. Interessamos especialmente evidenciar o material repertorial que remete para o espaço geo-cultural peninsular ficcionado por Saramago. Entre a separação e a paragem oceânica, a prosa de Saramago arquitecta uma Península Ibérica, como espaço geo-cultural individualizado, recorrendo a estratégias repertoriais próprias e a materiais concretos. Em primeiro lugar, incontestavelmente, a própria «ideia forte», a separação da Europa, é um elemento fundamental na individualização do território peninsular, afinal, segundo o autor «A Península separa-se porque nunca esteve ligada à Europa» (*id.*: 24). No entanto, esta construção de um território ibérico individualizado recorre também a uma «viagem para o interior» (Bulger, 1997: 330), onde encontramos várias estratégias repertoriais.

Em primeiro lugar é detectável no texto a introdução do que denominamos **História partilhada**. Neste sentido, por exemplo, interpretamos a menção de Viriato e Nuno Álvares Pereira como «heróis da mesma pátria» (p. 115), a referência a Toro, Tordesilhas e Simancas como «lugares todos eles que à história portuguesa de perto tocam» (p. 275), ou as alusões às específicas formas de se olharem portugueses e espanhóis: «os espanhóis, que sempre desdenharam das nossas ajudas» (p. 315).

José Saramago recorre também, ao introduzir personagens oriundas do Estado Espanhol, à inclusão no texto da **língua e da literatura espanholas**, ao lado da língua e da literatura portuguesas (cfr. Bulger, 1997: 332) fazendo-as conviver no texto. De tal modo que são utilizadas palavras da língua espanhola como «apagón» (p. 191), «testuz» justificada com «a palavra é castelhana, mas usa-se aqui por fazer falta em português» (p. 59)⁶. Insere também citações de Unamuno ou mesmo introduz um, no texto assim denominado, «refrão ibérico» («Quem a árvore se recolhe, duas vezes se molha, esta é a versão portuguesa, modificada», p. 268). Quanto à literatura espanhola, na obra são convocados António Machado (p. 73), Unamuno (p. 93), D. Quixote (p. 145), Sancho (p. 88).

⁵ Para visualizar no mapa da península o percurso dos protagonistas pode-se consultar o trabalho de Cristina Sofia Pires (Pires, 2004: Anexos).

⁶ Lembre-se neste sentido, a presença de língua e personagens espanholas numa obra anterior; *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de 1984.

Outra das estratégias será, em nossa opinião, o recurso a uma **Pluralidade Ibérica**, presente no texto, sendo esta a estratégia repertorial que mais activamente contribui à construção desse espaço geo-cultural peninsular individualizado. Entendemos esta Pluralidade Ibérica como o conjunto de referências e alusões, explícitas ou implícitas, à uma Península Ibérica diversificada e plural. Pode-se exemplificar esta Pluralidade Ibérica na tentativa, quase constante, de caracterizar as personagens e pessoas em função (entre outras estratégias) do seu lugar de origem. Assim, o que diz Roque Lozano «De um habitante do norte não [o] ouviríamos», ou «... as andaluzas têm o sangue quente». A Pluralidade também se expressa na inclusão de símbolos regionais, como a bandeira de Navarra (p. 23), ou em trechos como este, quando é proposta a capital peninsular em Madrid:

O coro de protestos não se limitou a Portugal, também as regiões autónomas espanholas se insurgiram contra a proposta, considerada como uma nova manifestação do centralismo castelhano (p. 297).

Esta pluralidade, proposta como característica peninsular, atinge também Portugal quando se alude no texto a uma hipotética separação do Algarve, pois «eles sempre tiveram aquela ideia de serem reino à parte» (p. 97).

Dentro desta Pluralidade Ibérica, parece-nos viável introduzir uma observação específica para o tratamento dado aos galegos e à Galiza n'*A Jangada de Pedra*. Além da existência de uma personagem central de origem galega, Maria Guavaira⁷, aparecem no texto referências à Galiza como: «aos povos pequenos ninguém dá ouvidos, não, mas não é mania da perseguição, mas histórica evidência» (p. 25); ou quando Pedro Orce, respondendo a Pedro Anaiço, especifica:

A minha terra é a Andaluzia, Terra e país são tudo o mesmo, [repliou Pedro Anaiço] Não são, podemos não conhecer o nosso país,

⁷ Sobre o nome desta personagem manifestou-se César António Molina com «cuyo nombre recuerda a la cantiga de amigo Garvaira» (Molina, 1990: 287); enquanto que para Pilar Vázquez Cuesta *Guavaira* é «¡nome tan extraño, semella alpxarreño!» (Vázquez, 1995: 6). Nos apontamentos *Caderno de apontamentos para a «Jangada de Pedra»*, publicados conjuntamente com os números 151/152 da *Colóquio/Letras* e transcritos por Maria Jorge, ao lado da forma *Guavaira* aparecem as afins *Guavaia*, *Guavai* e *Guaiva*; note-se que as quatro versões aparecem no *Caderno* antes de ser atribuída origem à personagem, aliás, o próprio Saramago escreve no *Caderno*: «De Maria Guavai e Joaquim Sassa nunca se saberá se são portugueses ou espanhóis. Mas os outros têm de aparecer com a sua nacionalidade» (Saramago, 1999 [17]).

mas conhecemos a nossa terra, Já alguma vez foste à Galiza, Nunca fui à Galiza, a Galiza é a terra doutros (p. 178).

Ao mesmo tempo, como assinala Maria Paula Lago, no texto, «ser português, ou este modo de ser português próprio da figura autoral, implica ainda uma particular afinidade com os galegos» (Lago, 2000: 74) exemplificável em: «Velhos galegos ou portugueses, que tudo é a mesma galeguice e portuguesice» (p. 220). Também no seguinte trecho quando se mencionam as negociações entre espanhóis e portugueses aquando do possível choque com a América do Norte:

E sabe-se, ou julga-se saber, que entre certos meios políticos portugueses circula um movimento tendente a um entendimento bilateral, embora de carácter não oficial, com a região da Galiza, o que evidentemente, não irá agradar nada ao poder central espanhol, pouco disposto a tolerar irridências, por muito disfarçadas que se apresentem.

E continua:

havendo mesmo quem diga, com acerba ironia, e tenha posto a correr, que nada disto teria acontecido se Portugal fosse do lado dos Pirinéus, e, melhor ainda, se ficasse agarrado a eles ao dar-se a ruptura, seria a maneira de acabar, de uma vez para sempre, pela redução a um só país, com esta dificuldade de ser ibérico, mas aí enganam-se os espanhóis, que a dificuldade subsistiria, e mais não dizemos (p. 283).

A análise da intervenção de José Saramago no campo literário com *A Jangada de Pedra* não deve deixar de lado os textos não ficcionais que sobre a mesma temática tem produzido o Nobel português. Capital neste sentido será o artigo «O (meu) Iberismo» aparecido no *Jornal de Letras* em 1988 (31/10/88), publicado posteriormente com algumas modificações em Madrid, 1990, como prólogo de *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa* (Molina, 1990: 5-9); também «A Ibéria entre a Europa e a América Latina» aparecido em 1992 na revista *Vértice* e no ano 1995 em Santiago de Compostela na revista *Olisbos* sob o mesmo título. Outro texto pertinente será «Europa sim, Europa não» aparecido no *Jornal de Letras* em 1989 ou entrevistas como a publicada na obra já citada, *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa* de César António Molina. Em todos estes textos o produtor em foco desenha e explicita o seu programa ideológico à volta das relações intra e extra-peninsulares, chegando mesmo a explicar o sentido d'*A Jangada de Pedra*:

Neste livro, tentei mostrar duas coisas; primeiro: a Península Ibérica tem pouco a ver com a Europa no plano cultural [e possui] uma cultura fortemente caracterizada e distinta. Segundo: há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colónias.

Então imagino, ou antes, vejo, uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro (Saramago, 1986b: 24)

Numa tentativa, quiçá excessivamente simplificadora mas útil aqui, de caracterizar o pensamento saramaguiano a respeito da relações intra e extra-peninsulares, podemos apontar as seguintes linhas principais:

- Consciência da construção desde o campo do poder do «rancor» (Saramago, 1988) ao vizinho peninsular;
- Visão da Espanha com «constelação sócio-histórica-cultural pluriforme» (*id.*);
- Crença nas virtualidades de um maior relacionamento nomeadamente cultural entre as partes que configuram a Península Ibérica e na existência de elementos, especialmente de tipo culturais, comuns a todo o território peninsular;
- Descrença na construção europeia em curso;
- Necessidade de incrementar o diálogo cultural com América Latina e parte da África.

Este posicionamento ideológico do autor remete-nos inexoravelmente, em nosso entender, para a noção *iberismo*. Mas que iberismo?

Uma tentativa possível de classificar o iberismo foi praticada por António Bartolomeu Ferreira (Ferreira, 2005: 248-9). Segundo este autor, atendendo designadamente aos objectivos, o iberismo pode ser classificado em:

1. Iberismo monárquico: «assente em pressupostos políticos e materiais»;
2. Iberismo federalista: personificado, segundo o autor, em Antero de Quental e Teófilo Braga e alguns grupos catalães⁸;

⁸ O autor escreve: «Por parte de Espanha, tiveram um certo eco os regionalistas catalães» (Ferreira, 2005: 249). Ainda sendo conscientes de que o objectivo do autor não é desenhar um quadro muito preciso do *iberismo federalista* peninsular, parece-nos necessário indicar que, para o âmbito do Estado Espanhol, os agentes empenhados

3. Iberismo cultural: não de carácter político, que segundo o autor encontra a sua base «num conjunto de aporções intelectuais dos dois países no sentido de resumir a aspiração ideal à associação das diferentes tendências de pensamento na península» (*ibid.*).

José Saramago, como apontou o próprio António Bartolomeu Ferreira, enquadrar-se-ia neste último grupo, embora o Nobel português fale de *trans-iberismo*⁹. Notem-se neste sentido, as analogias presentes entre o pensamento do Nobel português e o do Professor Eduardo Lourenço (cf. Baptista, 2005: 15 e ss.)¹⁰, talvez apenas matizáveis no euro-cepticismo do primeiro (cf. Saramago, 1989), que nos permitem estabelecer uma relação de igualdade de pensamento entre os dois autores.

Crítica literária e *A Jangada de Pedra* no sistema interliterário peninsular

Tomando em consideração, como apontou Arturo Casas, o facto de o iberismo ter servido de «plataforma» idónea para os contactos inteliterários (Casas, 2003: 81), verificamos que as intervenções de José Saramago no panorama literário peninsular têm suscitado diversas interpretações por parte da crítica literária.

Para situar o Nobel português no sistema literário espanhol parece-nos pertinente a análise de José Luís Gavilanes Laso quem, a respeito das relações e influências entre as literaturas portuguesa e espanhola, afirma que, depois de Fernando Pessoa, José Saramago é o segundo «fenómeno de proyección de las letras portuguesas en España» (Gavilanes, 1999: 81 e ss.), situando-se entre os autores mais vendidos, sendo largamente premiado, objecto de homenagens e crí-

neste *iberismo federalista* não se localizavam apenas na Catalunha, podendo assinalar a presença deste projecto federalista para a península, por exemplo, no ideário nacionalista galego além 1936.

⁹ Na nossa leitura, com a adição do prefixo *trans-*, Saramago apenas destaca as ligações entre a península Ibérica e o universo latino-americano e, nas suas palavras, o *ibero-africano*.

¹⁰ Apresentam-se-nos especialmente transparentes, neste sentido, as palavras de Maria Manuel Baptista: Eduardo Lourenço «defende a intensificação da comunicação entre Portugal e Espanha e o aprofundamento de uma abordagem não só peninsular mas também a procura da possível 'ibericidade' americana» (2005: 13).

ticas unanimemente positivas, assim com tem ocupado em numerosas ocasiões posições destacáveis nos meios de comunicação espanhóis. Desenha-se aqui, portanto, uma posição central no sistema literário e cultural espanhol.

César António Molina, equiparando os discursos *iberistas* de Eduardo Lourenço, a Natália Correia de *Todos somos hispanos* e José Saramago, como defensores de um diálogo cultural entre a Espanha e Portugal, afirma a respeito de José Saramago:

José Saramago es quizá el único escrito peninsular que ha tomado conciencia de ser el 'primer' *escritor ibérico*. Es decir, el primero que a través de varias de sus obras [...] reflexiona sobre el pasado y el presente común. Saramago ha roto un tabú secular. La balsa de piedra es por eso, y a pesar de sus logros y fallos, la obra de un gran autor que *debemos considerar como nuestro* (Molina, 1990: 288; itálico nosso).

Talvez possa ser encontrada uma correspondência entre as afirmações do actual Ministro da Cultura do Governo espanhol e as palavras de Eduardo Lourenço em que expõe a presença da literatura portuguesa no Estado Espanhol:

Veja-se o caso de José Saramago, que é já um caso clássico, ou de Lobo Antunes. São dois autores espanhóis, quer dizer ficam espanhóis; são traduzidos e ficam espanhóis (*apud* Baptista, 2005: 38).

Com todas as reservas pertinentes, estas palavras parecem indicar uma pertença, não exclusiva em todo caso, do produtor em foco ao sistema literário espanhol.

Estas e outras afirmações do género, são, em nosso entender, expressão de tomadas de posição no sistema interliterário ibérico, não livres de polémica, que visam exemplificar com José Saramago uma determinada concepção do sistema interliterário ibérico, em função da identidade geradora do repertório presente n'*A Jangada de Pedra*, como no primeiro caso visto, e também da presença de autor e obra no sistema literário espanhol no segundo. A este respeito, repare-se, nas afirmações do Professor compostelano Elias Torres, referidas à presença de Saramago no campo cultural espanhol, nomeadamente a partir de 1993:

O inimigo castelhano acolhia o exilado, 'reconhecia-o' praticamente de maneira unânime: José, já com j espanhola, começou a participar [activamente] na vida literária do estado vizinho [...] José aparecia,

em geral mas sobretudo em meios culturais progressistas, como a voz progressista de Portugal – e caminhava cada vez mais para a sua consolidação como «escritor ibérico», que é o qualificativo que desde muito tempo atrás utilizavam alguns elementos espanhóis quando querem *fagocitar* um escritor de êxito luso e convertê-lo em espanhol de aspiração. A crítica espanhola, especialmente determinada crítica, louvou o escritor de esquerda, comprometido, português, iberista e ibérico (Torres, 1999: 469-470; itálico nosso).

José Freire Antunes em *Os Espanhóis e Portugal*, numa leitura muito pessoal e exterior ao âmbito literário, mas pertinente segundo o nosso critério para nos aproximar das *tensões* existentes no sistema interliterário ibérico a respeito do caso Saramago, faz afirmações do tipo: «os espanhóis gostam de Saramago por ser iberista» (Antunes, 2003: 294) ou «o acolhimento a Saramago só ficaria incondicional após a ‘submissão’ iberista, patente no livro *Jangada de Pedra* [...] A partir daqui, tudo em Saramago seduziu a Espanha [...] Suscitava até Saramago um consenso mediático transversal que, antes da atribuição do Nobel, incluía o diário conservador *ABC*» (*id.*: 292). Mas provavelmente a asseveração mais controversa de José Freire Antunes seja:

Já em 1998, o poder cultural da Espanha no mundo tinha ficado patente na atribuição do prémio Nobel de Literatura ao português José Saramago, um militante comunista migrado, cinco anos antes, para Lanzarote, uma das ilhas canárias (*id.*: 289).

Note-se que ao lado destas manifestações, a prática verificada nos vários estudos sobre Saramago produzidos desde o sistema literário português, concretamente sobre o texto *A Jangada de Pedra*, não põe em questão a *portugalidade* da obra, isto é, a inclusão de produtor e produto literários no sistema literário português, observando-se até nalguns casos interpretações em que esta *portugalidade* é destacada¹¹. Assim, na nossa opinião, podem ser interpretadas, entre outras, as leituras de Laura Fernanda Bulger, quando refere a língua, a literatura, as tradições «e até [o] modo como cada um deles exprime surpresa» como elementos de separação entre os «dois povos ibéricos» (Bulguer,

¹¹ No entanto, será necessário ter alguma cautela pois como afirma Grossegeesse «Na actualidade, é difícil proceder a uma análise distanciada do relacionamento da vida literária, académica e política, nomeadamente do ‘diálogo’ complexo entre o escritor e os múltiplos discursos políticos, mediáticos e filológicos que conduzem tanto a rejeição polémica como a consagração eufórica de ‘José Saramago’ português, ibérico, europeu e mundial» (Grossegeesse, 2005: 183).

1997: 332); segundo a autora, «estes [...] são aspectos que a voz narradora faz questão de sublinhar ao longo do romance» (*ibid.*). Maria Paula Lago ao analisar *A Jangada de Pedra* enfatiza em numerosas ocasiões a *portugalidade* do narrador (Lago, 2000: 74 e ss.) e chama a atenção para a tradução espanhola do texto onde são rasuradas alguns marcas que apagam as «pertencas do narrador» (*id.*: 78). Para Maria Alzira Seixo *A Jangada de Pedra*:

Trata-se, pois, de uma *narrativa de recuperação e de salvação*, espécie de odisseia compensatória dos desastres e dos desajustes da épica das descobertas, e *das histórias trágico-marítimas lusas*, em peregrinação de reajustamento indagador e crítico (como em Fernão Mendes Pinto)» (Seixo, 1999: 316; *italico nosso*).

Todavia, é possível observar no sistema interliterário ibérico, leituras dos produtos literários saramaguianos, que servem a outros interesses actuautes no próprio sistema. Assim interpretamos, por exemplo, a leitura feita pelo professor de Filologia Catalã Juan Ribera Llopis no número especial dedicado a José Saramago da revista *Colóquio/Letras* (1999) já citado. Sob um sugestivo título, «Ilhas, illas, illes, islas, uharteak: pen(ta)ínsula», o autor ao analisar a obra de Saramago, nomeadamente o texto em foco, situa em pé de igualdade, as «cinco tradiciones literarias», denominando o sistema interliterário ibérico «penta-insula» (Ribera, 1999: 481).

Outras leituras da obra de Saramago, desde os sistemas literários periféricos, permitem detectar outros pressupostos. Para Pilar Vázquez Cuesta (1995: 6), focando o repertório, «o ano de 1986, em que aparece *A Jangada de Pedra*, pode considerarse un fito no tocante a presencia de personaxes galegas na literatura portuguesa», pois a investigadora galega, concebe as relações literárias galaico-portuguesas assimétricas ao ser maior a presença portuguesa na galega do que ao invés. O já mencionado Professor Elias Torres, particularmente interessado no estudo do relacionamento literário/cultural galego-português, detecta um «*corpus identificador*», comum a galegos e portugueses em três romances de José Saramago, entre eles *A Jangada de Pedra*, em função, segundo o Professor compostelano, do tratamento dado à *matéria galega* (Torres, 1993: 448). Indicativo das leituras *periféricas* do(s) texto(s) saramaguiano(s) é também, em nosso entender, o trabalho de Carlos Alhogue Leira «O Prémio Nobel de Saramago na imprensa galega ou falar e nom dizer nada», em que são citadas críticas literárias que tanto servem para reivindicar o estatuto dos escritores (pro-

blemático nos sistemas literários periféricos) como para estabelecer fronteiras entre as literaturas galega e portuguesa (questão geradora de alguma polémica no sistema literário galego) (Alhegue, 1999).

Nota final

Haveria, evidentemente, outros estudos, leituras, depoimentos, pertinentes para melhor argumentar este trabalho. Inclusive as produções artísticas baseadas nos romances de Saramago, nomeadamente a adaptação ao cinema d'*A Jangada de Pedra*, poderiam ser aqui convocadas. Consideramos, no entanto, que o aqui exposto serviu nalguma medida para evidenciar, em primeiro lugar, que existe uma quase unanimidade dos autores e estudos aqui citados à hora de conceder uma posição central a Saramago dentro do sistema interliterário ibérico.

Em segundo lugar, verifica-se que os elementos repertoriais presentes n'*A Jangada de Pedra*, assim como outros textos não ficcionais do autor, inevitavelmente vinculados ao iberismo cultural, possuidores de um alto poder gerador (legitimador) de identidade(s), ao lado da presença do autor no panorama sócio-cultural espanhol, contribuem para delinear um sistema interliterário peninsular grávido de intervenções diversas, por vezes contrárias, manifestação de diferentes concepções e das *tensões* existentes no próprio sistema interliterário ibérico.

Bibliografia

- ALHEGUE, Carlos (1999): «O Prémio Nobel de Saramago na imprensa galega ou falar e nom dizer nada», *Agália* 60: 492-494.
- ANTUNES, José (2003): *Os Espanhóis e Portugal*, Lisboa, Oficina do Livro, pp. 288-299.
- BULGER, Laura Fernanda (1997): «*A Jangada de Pedra*, de José Saramago. Viagem em busca de um futuro, de um tempo, de um destino» in FALCÃO, Ana Margarida et alii (orgs.): *Literatura de viagem. Narrativa, história, mito*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 321-335.
- BAPTISTA, Maria Manuel (2005): *O Outro Lado da Lua. A Ibéria segundo Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras.
- BOURDIEU, Pierre (2004 [1991]): *O campo literario*, Ames, Laivento [Trad. e pres. Carlos Pérez Varela].

- CASAS, Arturo (2003): «Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico» in <http://web.usc.es/~tlcasas/docs/IL8.htm> [acceso: 3 de Maio de 2006].
- (2004): «Catro modelos para a nova Historia literaria comparada. Unha aproximación epistemolóxica» in Anxo Abuín GONZÁLEZ e Anxo Tarrío VARELA (eds.): *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península Ibérica*, Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 45-71.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1999 [1997]): «Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas» in Iglesias SANTOS, Monserrat [Est. intr., comp. de textos e bibl.]: *Teoría de los Polisistemas*. Madrid, Arco/Libros, pp. 23-52.
- FERREIRA, António Bartolomeu (2005): «Cultura de fronteira: um desafio à integração» in Rui JACINTO e Virgílio BENTO (coords.): *Territórios e Culturas Ibéricas*, Porto, Campo das Letras, pp. 233-250.
- GAVILANES, José Luís (1999): «La fortuna de las letras portuguesas en España (1970-1990)» in María Rosa ÁLVAREZ (ed.): *Literatura portuguesa y literatura española. Influencias y relaciones*, Valencia, Universitat de València, pp. 81-94.
- GEORGE, João Pedro (2002): *O meio literário português (1960/1998)*, Algés, Difel, pp. 192-231.
- GROSSEGESSE, Orlando (2005): «Sobre a obra de José Saramago. A consagração e o panorama da crítica de 1998 até 2004» in *Iberoamericana*, V, 18: 181-195.
- LAGO, Maria Paula (2000): *A Face de Saramago*, Porto, Granito Editores e Livradores.
- MOLINA, César Antonio (1990): *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal.
- RIBERA, Juan (1999): «Ilhas, illas, illes, islas, uharteak: pen(ta)ínsula» in *Colóquio/Letras*, 151/152: 473-482.
- PIRES, Cristina Sofia (2004): *O modo fantástico e A Jangada de Pedra de José Saramago* [Tese de Mestrado defendida na Universidade do Minho].
- SARAMAGO, José (1986a): *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Caminho.
- (1986b): «A Península Ibérica nunca esteve ligada à Europa», *JL*, 10/11/86, pp. 24-26 [Entrevista de Inês Pedrosa].
- (1988): «O (meu) Iberismo», *JL*, 31/10/88.
- (1989): «A Europa sim, a Europa não», *JL*, 10/0189.
- (1990): «Mi iberismo» in Molina, 1999: pp. 5-9 [Prólogo].
- (1992): «A Ibéria entre a Europa e a América Latina», *Vértice* 47: 5-11.
- (1995): «A Ibéria entre a Europa e a América Latina», *Olisbos* 17: 44-49.

- (1999): *Caderno de apontamentos para a «Jangada de Pedra»* [Trans. Maria Jorge; distribuído conjuntamente com o número 151/152 da *Colóquio/Letras*].
- SEIXO, Maria Alzira (1999): «Derivas. Notas para uma leitura do caderno de apontamentos sobre a composição 'A Jangada de Pedra'», *Colóquio/Letras* 151/152: 473-482.
- TORRES, Elias (1993): «*Litoral. Ara Solis* de Wanda Ramos: um regresso à raiz» in *Actas do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Hamburgo, pp. 447-458.
- (1999): «Seminário sobre José Saramago na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela», *Agália* 60: 467-470.
- VAZQUEZ, Pilar (1995): «Portugal-Galícia, Galícia-Portugal: un diálogo asimétrico», *Colóquio/Letras* 137/138: 5-21.